

DESAFIOS ALÉM DA ACADEMIA: Análise da Situação Profissional dos Egressos do Curso de Oceanologia da FURG

Prof. LUIZ CARLOS KRUG¹

O Curso de Graduação em Oceanologia da Fundação Universidade Federal do Rio Grande – FURG foi criado em 23 de agosto de 1970. Desde então, 1264 estudantes ingressaram no Curso por Concurso Vestibular, enquanto 149 o fizeram por outras modalidades (mudança de curso, transferência, portador de diploma de curso superior e convênios). Até o ano anterior, 673 estudantes concluíram o Curso, o que representa 47,63% do número total de ingressados (Figura 1). Desconsiderando os 207 estudantes que ingressaram nos últimos quatro anos, e que portanto ainda não tiveram tempo hábil para integralizar o Curso, o percentual de graduados chega a 55,80% do total de ingressados.

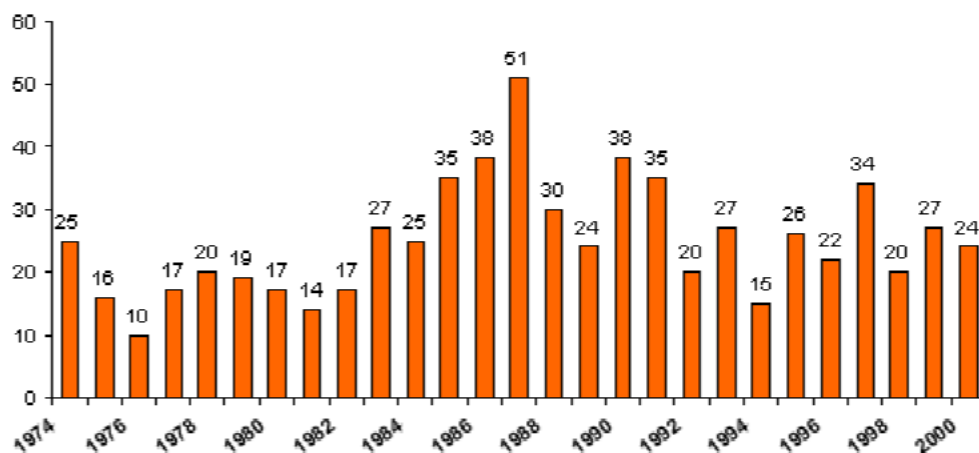


Figura 1: Número de egressos do Curso de Oceanologia (n = 673) por ano de conclusão (1974-2000).

O tipo de atividade profissional desempenhada pelos egressos da FURG (Figura 2), levantada a partir de informações recolhidas junto aos próprios egressos, e portanto sujeita a imprecisões, mostra que 29,6% do total está atuando junto ao setor público, enquanto que 24,5% está realizando curso de pós-graduação (Mestrado ou Doutorado). Os profissionais que atuam junto ao setor privado foram agrupados em duas categorias, sendo uma relativa as universidades privadas, onde trabalham 7,4% do total de egressos, e outra relativa a área privada não acadêmica, onde trabalham 5,2% dos egressos. Dos demais graduados, 12,9% efetivamente abandonaram a área, enquanto que 17,7% não puderam ser localizados. É possível que estes últimos, em grande

¹ Mestre em Oceanografia Biológica (FURG, 1984)
Coordenador do Curso de Graduação em Oceanologia da FURG

parte, também tenham abandonado a área. Os 2,7% egressos restantes já se aposentaram ou faleceram. A partir destes dados, é possível concluir que 449 profissionais, ou 66,7% do total de egressos, permanecem atuando diretamente na área de Oceanografia.

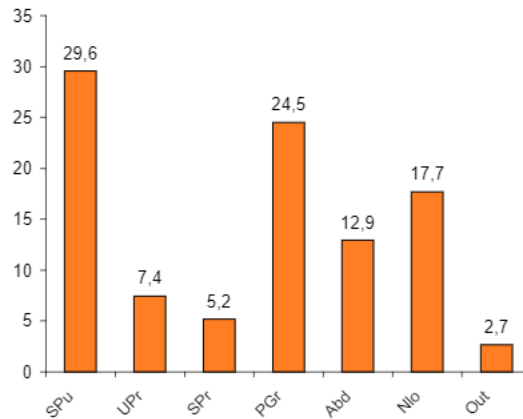


Figura 2: Percentual de egressos do Curso de Oceanologia (n = 673) por tipo de atividade profissional. (SPu = Setor Público; UPr = Universidades Privadas; SPr = Setor Privado não acadêmico; PGr = Pós-Graduação; Abd = Abandono da área; Nlo = Não localizado; e Out = Outros.)²

A análise da situação profissional dos egressos da FURG a partir do agrupamento das informações por períodos de três anos (Figura 3), considerando os mesmos tipos de atividades já mencionados anteriormente, mostra que os formados entre 1974 e 1988 foram absorvidos predominantemente pelo setor público, que emprega em média 45,0% dos profissionais formados neste período. A maior parte destes profissionais estão vinculados as universidades federais, com destaque para a FURG, e órgãos públicos federais, em particular ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA. Alguns órgãos públicos estaduais e municipais, em praticamente todas as unidades da Federação, também empregam estes egressos, mas em quantidade reduzida. A absorção de Oceanólogos pelo setor público caiu drasticamente para os formados a partir de 1989, chegando a alcançar somente 8,5% dos graduados entre 1995 e 1997, com uma média de 16,0% para o período 1998-2000.

Do total de profissionais graduados no período compreendido entre 1977 e 1994, 9,8% trabalham em universidades privadas. A principal empregadora é a Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, que criou seu Curso de Graduação em Oceanografia em 1992, propiciando emprego para um número expressivo de egressos da FURG. No mesmo período, o setor privado não

² [SPu = Setor Público (Universidades; órgãos públicos federais, estaduais e municipais, autárquicos ou fundacionais); UPr = Universidades Privadas; SPr = Setor Privado não acadêmico (Indústrias; serviços; organizações não-governamentais; e demais atividades privadas); PGr = Pós-Graduação; Abd = Abandono da área; Nlo = Não localizado; e Out = Outros (aposentados; falecidos)]

acadêmico absorveu 6,2% dos Oceanólogos. Considerando estas duas fontes em conjunto, uma vez que ambas representam oportunidades de trabalho fora do setor público, a quantidade de profissionais absorvidos representa 16,0% dos egressos do período 1977-1994. Já entre os egressos do período 1995-2000, apenas 1,3% tem encontrado colocação nas universidades privadas, enquanto no setor privado não acadêmico esta parcela chega a 3,9%.

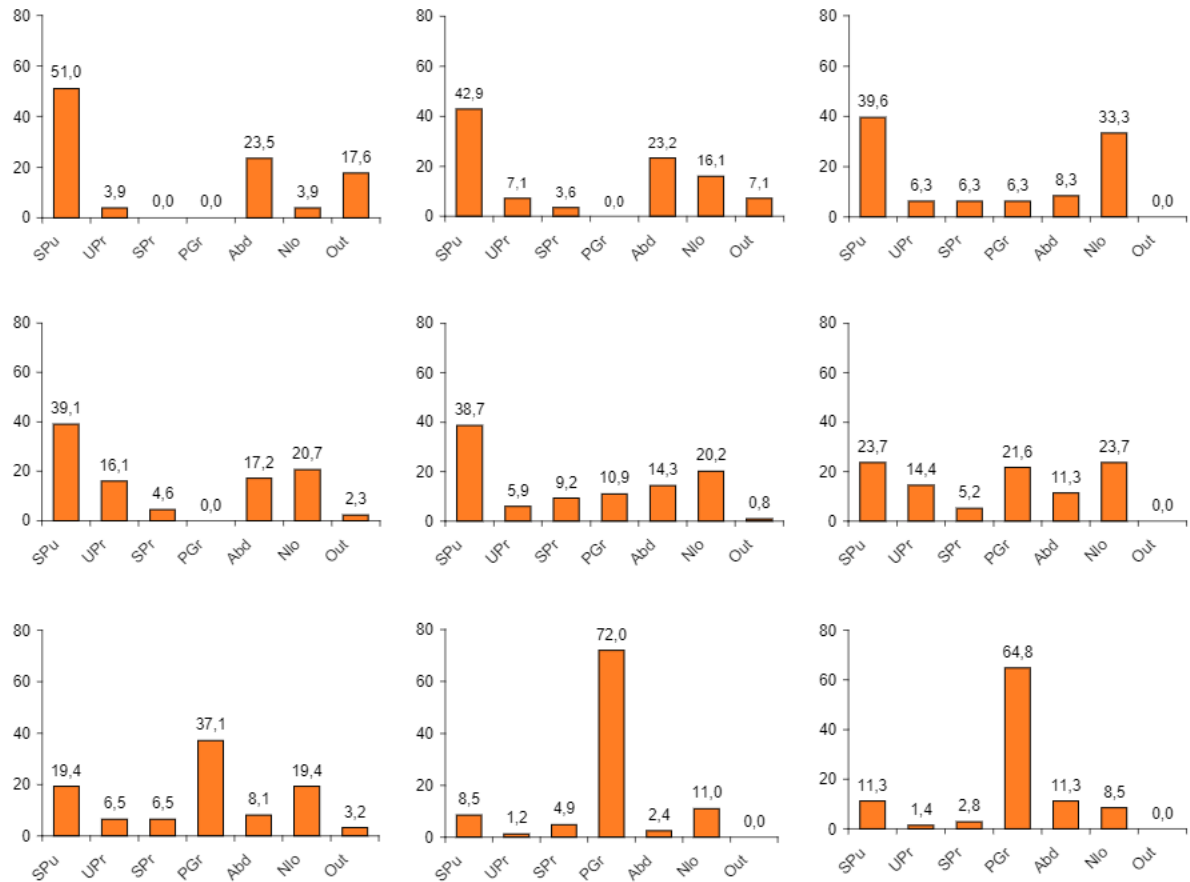


Figura 3: Percentual de egressos do Curso de Oceanologia por tipo de atividade profissional (SPu = Setor Público; UPr = Universidades Privadas; SPPr = Setor Privado não acadêmico; PGr = Pós-Graduação; Abd = Abandono da área; Nlo = Não localizado; e Out = Outros) para os períodos 1974-1976 (n = 51), 1977-1979 (n = 56), 1980-1982 (n = 48), 1983-1985 (n = 87), 1986-1988 (n = 119), 1989-1991 (n = 97), 1992-1994 (n = 62), 1995-1997 (n = 82) e 1998-2000 (n = 71).

A quantidade de profissionais envolvidos com a pós-graduação entre os graduados no período 1974-1991 é reduzida, representando em média 8,1% do total de egressos. É possível que o quadro observado resulte, de um lado, da conclusão da qualificação formal por parte expressiva dos egressos do período e, de outro, da ausência de estímulo profissional pelos demais, que se consideram em fim de carreira ou desfrutam de estabilidade no emprego. Assim, este último grupo de profissionais não parece ter razões para empreender um esforço adicional para alcançar uma melhor qualificação acadêmica formal. Já os profissionais graduados a partir de 1992, têm como principal atividade profissional

a pós-graduação, que chega a envolver 72,0% dos egressos do período 1995-1997.

A expressiva quantidade de Oceanólogos dedicados a pós-graduação nos últimos anos contrasta com a diminuição na quantidade de profissionais absorvidos pelo setor público, pelas universidades privadas e também pelo setor privado não acadêmico (Figura 3). É possível buscar explicação para este quadro nas sucessivas crises econômicas que abalaram o País a partir da metade dos anos 80, bem como nas políticas públicas de pessoal que foram adotadas nos anos 90. A chamada “era Collor” trouxe consigo uma drástica diminuição dos investimentos em ciência e tecnologia, inclusive dos recursos destinados as instituições federais de ensino superior, dando início a um processo de redução na quantidade de profissionais absorvidos por universidades e órgãos públicos dedicados ao ensino e a pesquisa. A situação tornou-se mais dramática com a implantação, a partir de 1995, da política do “estado mínimo”, que eliminou uma quantidade significativa de vagas no setor público, e nas universidades federais em particular. O mesmo processo teve curso naquelas Unidades da Federação que seguiram o modelo adotado pelo governo federal, diminuindo ainda mais as oportunidades de trabalho dos Oceanólogos. Sem outra opção profissional, os egressos têm recorrido à pós-graduação, como forma de permanecer na área e aumentar, ao mesmo tempo, sua empregabilidade, aguardando que mudanças de cenário abram novas oportunidades de trabalho.

A parcela de profissionais que abandonaram a área está em torno de 20% para os graduados no período 1974-1979 e também entre 1983-1985. Nos demais períodos, o percentual de abandono é inferior a média geral observada desde o início do Curso. No entanto, independente da magnitude do abandono, não se tem conhecimento das razões que levaram estes egressos a desistirem da profissão. A quantidade de egressos com paradeiro desconhecido é mais acentuada entre os graduados no período 1977-1994, chegando a 33,3% do total de formados no triênio 1980-1982. Não há uma explicação conclusiva para este grande número de profissionais não localizados, sendo razoável supor, como já referido anteriormente, que tenham, em grande parte, abandonado a área. Não fosse assim, os egressos que estão no mercado teriam conhecimento do paradeiro dos mesmos. A fração de profissionais absorvidos pelo chamado setor privado não acadêmico (indústrias, serviços, organizações não-governamentais, e demais atividades privadas) é muito pequena, sendo de no máximo 9,2% do total de egressos do período 1986-1988.

Os dados analisados mostram que somente 5,20% dos 673 egressos do Curso de Oceanologia da FURG desempenham atividades vinculadas ao chamado setor privado não acadêmico (Figura 2). Face a esta constatação, surgem de imediato dúvidas sobre a real possibilidade de absorção de profissionais Oceanógrafos por parte deste setor da economia. Para tentar responder esta questão, foi analisada a situação profissional dos Oceanógrafos graduados na FURG e residentes em Rio Grande (Figura 4). Dos 127 profissionais residentes nesta cidade, 44,9% estão atuando junto a um órgão público, seja ele federal ou estadual, enquanto que 29,1% estão realizando curso de pós-graduação. Abandonaram a área 15,0% e 9,4% estão aposentados ou já

faleceram. Todos os residentes em Rio Grande têm sua situação profissional conhecida.

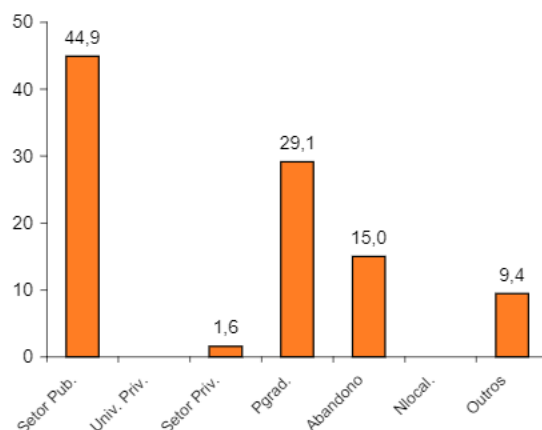


Figura 4: Percentual de egressos do Curso de Oceanologia residentes em Rio Grande, RS (n = 127) por tipo de atividade profissional. (SPu = Setor Público; UPr = Universidades Privadas; SPr = Setor Privado não acadêmico; PGr = Pós-Graduação; Abd = Abandono da área; Nlo = Não localizado; e Out = Outros.)

Os dados fornecidos pelo SEBRAE (Rio Grande, RS) revelam que as indústrias e os serviços do município desenvolvem algumas atividades compatíveis com as atribuições definidas para os Oceanógrafos no Projeto de Lei N° 3491-C/93, que dispõe sobre a regulamentação do exercício da profissão (Figura 5). Na indústria, haveria espaço na área de mineração, de química, de petróleo e de alimentos, onde estão incluídas as indústrias de pescado. Já na prestação de serviços, haveria espaço na área de serviços diversos, onde estão incluídas as empresas de prestação de consultoria ambiental e de turismo ecológico, e na área do ensino. Já no comércio, que também foi objeto de análise, não se vislumbra espaço para os egressos do Curso de Oceanologia. Sendo assim, havendo efetivamente campo de trabalho para o Oceanógrafo junto ao setor privado não acadêmico, é necessário identificar as razões que têm levado o mercado a ser pouco receptivo com estes profissionais, buscando-se, em sequência, o estabelecimento de estratégias que permitam a reversão do quadro adverso.

A pressão da sociedade pela preservação ambiental é cada vez maior, o que tem permitido a elaboração de uma legislação mais exigente, uma maior fiscalização pelos órgãos de controle ambiental e uma atitude mais responsável por parte das indústrias e prestadores de serviço, particularmente daqueles que se dispõem a conquistar parcelas maiores do mercado consumidor. Como o Oceanógrafo é um dos profissionais mais qualificado para atender esta demanda, em particular nos aspectos que envolvem os oceanos e ambientes transicionais, seria razoável que tivesse uma participação mais significativa no mercado do que aquela encontrada a partir dos dados analisados neste trabalho. No entanto, por ser uma profissão relativamente nova, com poucos cursos no

País e com um número de profissionais que não chega a mil, é possível que este quadro seja resultante do escasso conhecimento que os diferentes setores da economia tem do perfil do Oceanógrafo. Se este entendimento é correto, é urgente que as instituições de ensino que oferecem cursos na área, assim como a Associação Brasileira de Oceanografia – AOCEANO, promovam uma ampla divulgação da profissão junto aos setores produtivos e a sociedade em geral, favorecendo uma maior ocupação de espaço no mercado por parte dos Oceanógrafos. Neste sentido, deve ainda ser lembrado que a abertura de novos cursos de Oceanografia, que vem ocorrendo em diferentes locais do País, servirá, no médio prazo, para ampliar a quantidade de profissionais formados e, no curto prazo, para dar maior publicidade à profissão.

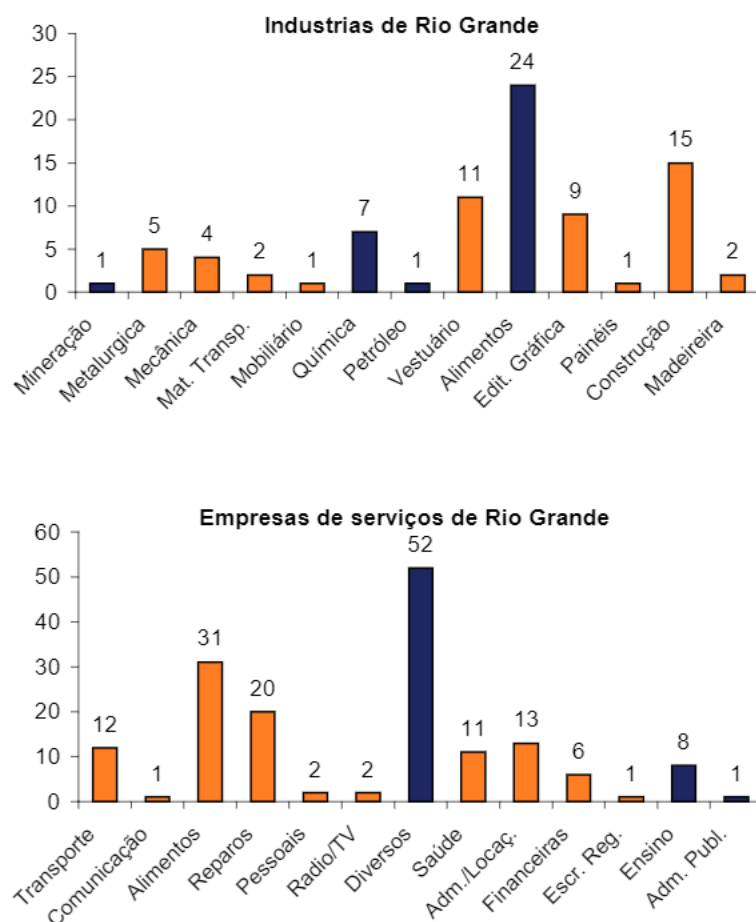


Figura 5: Número de indústrias e de empresas de serviços do município de Rio Grande, RS, destacando aquelas áreas que representam campo de trabalho potencial para os egressos do Curso de Oceanologia (Dados do SEBRAE, RS).

A abertura de espaço junto a indústria e empresas de serviços requer, no entanto, outras ações de médio prazo, que propiciem elementos para que estes setores econômicos sejam convencidos de que o Oceanógrafo possui

um perfil profissional que pode lhes interessar. A exigência de estágio profissional durante o curso de graduação, como requerimento básico para a sua integralização, é uma iniciativa que coloca o estudante dentro de empresas privadas, permitindo, ao mesmo tempo, que ele tenha um aprendizado prático e que abra mercado de trabalho. Entretanto, esta ação precisa ser planejada e coordenada pelas instituições que oferecem cursos de Oceanografia, para que os estudantes não ajam individualmente, o que poderia ter um resultado diverso daquele pretendido. As instituições devem estruturar um programa de estágio profissional, que contemple a criação de um banco de empresas privadas dispostas a receber os estagiários, com normas claras de acompanhamento e avaliação dos estudantes durante o período de estágio.

Outra ação importante é a flexibilização dos currículos dos cursos de graduação, permitindo a estruturação de formações específicas, que atendam uma demanda particular do mercado de trabalho, independentemente da sua magnitude e perenidade. A implementação pela FURG do *“Projeto de Estudos Ambientais em Áreas Costeiras e Oceânicas na Região Sul do País”*, que faz parte do Programa de Formação de Recursos Humanos para o Setor de Petróleo e Gás da Agência Nacional do Petróleo (PRH-ANP/MME/MCT), é uma ação que atende uma demanda do mercado, que deverá resultar em oportunidade de trabalho para os estudantes que concluírem sua formação conforme as exigências do Programa. Assim como a ANP, outras Agências setoriais estão sendo estruturadas, como a Agência Nacional das Águas – ANA, que deverão também ter seus programas de formação de recursos humanos próprios, em convênio com as universidades, que possibilitarão novas oportunidades de trabalho para os Oceanógrafos.

A regulamentação do exercício profissional, que depende da aprovação do Projeto de Lei Nº 3491-C/93 pelo Congresso nacional, é apontado como um fator determinante para a ampliação das oportunidades de emprego. Isto é verdade em parte, uma vez que as indústrias e empresas privadas não teriam restrições maiores em contratar um determinado tipo de profissional, mesmo com profissão não regulamentada, se entendessem que tal trabalhador é imprescindível para o desenvolvimento de suas atividades. Junto ao setor público, no entanto, vários têm sido os casos de concursos que abrangem as atribuições propostas para os Oceanógrafos, mas que não citam estes profissionais como habilitados à participarem dos mesmos. Assim, se a aprovação do citado Projeto de Lei não ajuda na abertura de oportunidades de emprego, por certo não irá atrapalhar se tal fato vier a se concretizar.

É preciso ter claro, entretanto, que a queda das oportunidades de trabalho nos últimos anos, tanto junto ao setor público como privado, não leva a conclusão de que os egressos dos cursos de Oceanografia estão fadados ao desemprego. Como já referido anteriormente, as profissões que lidam com a preservação ambiental, como é o caso da Oceanografia, estão em franca expansão. Isto porque a atual realidade do mercado, conforme fica patente neste trabalho, é uma questão conjuntural, que tem a ver com a situação econômica do País, com as políticas públicas e com a pouca divulgação da profissão, e não com a ausência de campo de atuação ou com a saturação de mercado de trabalho dos Oceanógrafos, como acontece com outras profissões tradicionais, que gozam de

um prestígio sobrestimado junto a sociedade. Pelos seus atributos profissionais, estamos convencidos de que em curto prazo os Oceanógrafos ocuparão relevante espaço no mercado de trabalho.